

## **Inteligência Artificial, Escrita e Autoria Intelectual**

### **Uma Reflexão Académico-Filosófica**

A sociedade contemporânea encontra-se imersa num processo de transformação estrutural contínua, marcado por uma aceleração sem precedentes do conhecimento, da tecnologia e dos modelos de organização social. A mudança deixou de ser episódica ou geracional para se tornar quotidiana, sistémica e cumulativa. Neste novo paradigma, o tempo entre inovação e obsolescência encurta-se progressivamente, exigindo dos indivíduos e das instituições uma capacidade permanente de adaptação cognitiva.

Neste contexto histórico singular, acompanhar o ritmo do mundo deixou de ser uma opção cultural para se tornar uma condição de participação plena na vida intelectual, científica e profissional. A recusa da evolução tecnológica não constitui resistência ética, mas antes afastamento progressivo dos processos de produção de conhecimento.

A Inteligência Artificial deve ser compreendida, à luz desta realidade, não como agente autónomo de pensamento, mas como ferramenta de mediação cognitiva avançada. Tal como a escrita, a imprensa, o computador ou a internet, a IA representa uma extensão tecnológica das faculdades humanas — não da consciência, mas da operacionalização do pensamento.

Importa, por isso, distinguir claramente entre ideia e expressão. A ideia nasce da experiência humana: da observação do real, da memória biográfica, da intuição moral, da capacidade de abstracção e da responsabilidade ética. A expressão, por sua vez, constitui o meio pelo qual essa ideia se torna comunicável. Confundir ambos equivale a um erro epistemológico fundamental.

No domínio da escrita, a Inteligência Artificial actua exclusivamente sobre a forma, nunca sobre o conteúdo originário. Pode organizar linguagem, estruturar argumentos, clarificar enunciados e aumentar a fluidez discursiva; não pode, porém, gerar intenção, significado ou valor moral. A autoria intelectual permanece invariavelmente humana.

Sob esta perspectiva, a colaboração homem–máquina não representa um empobrecimento do acto criativo, mas uma continuidade histórica das ferramentas cognitivas que sempre acompanharam o pensamento humano. O mérito intelectual não reside no instrumento utilizado, mas na arquitectura conceptual que o orienta.

Acusar de ilegitimidade um texto por recorrer a ferramentas avançadas revela não uma defesa da ética, mas uma incomprensão profunda da própria natureza do conhecimento. O verdadeiro plágio não reside na utilização de tecnologia, mas na apropriação indevida de ideias alheias — distinção frequentemente obliterada no debate público contemporâneo.

Num mundo caracterizado pela complexidade crescente, a Inteligência Artificial, quando usada com critério, ética e consciência humanista, pode constituir um poderoso

instrumento de amplificação do pensamento crítico, permitindo que o ser humano se concentre no que lhe é exclusivo: compreender, interpretar, decidir e assumir responsabilidade.

Assim, não se trata de delegar à máquina o acto de pensar, mas de libertar o pensamento humano das limitações operacionais que sempre o acompanharam. O futuro não pertence à máquina, nem à sua negação, mas à maturidade intelectual daqueles que compreendem que toda tecnologia é apenas aquilo que o espírito humano decide fazer dela.

## **Referências filosóficas (orientadoras)**

- Arendt, Hannah — reflexão sobre responsabilidade, acção e esfera pública (especialmente em torno da banalidade do mal e do agir humano).
- Floridi, Luciano — filosofia da informação, ética digital e enquadramento moral das tecnologias cognitivas.
- Habermas, Jürgen — racionalidade comunicativa, esfera pública e condições de legitimidade discursiva.
- McLuhan, Marshall — meios como extensões do homem e transformação cultural induzida por tecnologias de mediação.
- Simondon, Gilbert — individuação técnica, relação homem-máquina e compreensão da técnica como processo cultural.
- Vygotsky, Lev — mediação cognitiva, ferramentas psicológicas e linguagem como instrumento de pensamento.

## **Autores**

- Francisco Gonçalves — autoria intelectual e direcção conceptual.
- Augustus — coautoria editorial (revisão estilística e estruturação textual).